# OS CINEMAS CATÓLICOS: MORAL E DECÊNCIA NA CIDADE DE FORTALEZA (1920-1941)

Francisco Gildemberg de Lima[1]

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa em andamento pelo programa de Mestrado em História Social da UFC, que tem o objetivo de analisar a relação entre a Igreja Católica e o cinema em Fortaleza no início do século XX. Os grupos católicos construíram um discurso contra as salas de cinemas instaladas na cidade, no qual as responsabilizavam o cinema pela projeção de filmes que influenciavam o publico na criação de hábitos considerados impróprios. Além da disseminação desse discurso, os grupos católicos criam suas próprias salas no intuito de usar a mesma tecnologia na instrução correta da população segundo os princípios e códigos de conduta cristã. A pesquisa abordará os anos de 1920-1941 e utilizará como documentos os jornais *O Nordeste* (1922-1941) e *Correio do Ceará*, (1920-1930) e documentos localizados no Seminário da Prainha.

**Palavras-chave**: Cinema, Moral, Instrução.

ABSTRACT

This work is part of an ongoing research program of the Master in Social History of the UFC, which aims to examine the relationship between the Catholic Church and the cinema in Fortaleza in the early twentieth century. Catholic groups have built a speech against the movie theaters located in the city, which blamed the film for projection of films that influenced the public in creating habits deemed inappropriate. In addition to the spread of this discourse, Catholic groups create their own rooms in order to use the same technology in the correct statement of the population according to the principles and code of Christian conduct. The survey will cover the years 1920-1941 and use documents such as newspapers The Northeast (1922-1941) and Mail of Ceará (1920-1930) and documents located in the Prainha Seminar.

**Key-words**: Cinema, Moral Instruction.

## Introdução

No dia 26 de agosto de 1908 era inaugurada a primeira sala de cinema fixo em Fortaleza, o *cinematógrapho Art-Nouveau*, com a promessa de trazer diversão para os habitantes da cidade. Em poucos anos houve um aumento significativo de espaços dedicados à apresentação de espetáculos cinematográficos, sendo que em 1920, já existiam aproximadamente 14 salas dedicados à projeção de filmes. Esse rápido crescimento de salas ao longo desses 12 anos nos mostra como o cinema em pouco tempo ganhou destaque, sedimentando-se em uma nova forma de lazer, tornando-se também um lugar de

[1] Mestrando em História Social pela UFC – Universidade Federal do Ceará. Bolsista da FUNCAP.

sociabilidade para a população fortalezense, somando-se aos clubes, a Praça do Ferreira e o Passeio Público, os cafés Java e Elegante.

À medida que a popularidade do cinema aumentava, juntamente com o crescimento do público que o freqüentava, o espaço das salas começava a atrair diversas reclamações. Pelo fato da maioria destes cines serem lugares de uso coletivo, diversas pessoas de diferentes níveis sociais assistiam, às vezes, as mesmas sessões, gerando desconforto para as famílias de classe média. Junto a isso, certos tipos de comportamentos e práticas realizadas dentro dos cines, por parte do público, passaram a ser vistas como vulgares, impróprias e em alguns casos até imorais. As práticas que ocorriam com mais freqüência eram as de alguns homens fumarem durante a exibição do filme; e cuspir no piso, ou mesmo nas pessoas que estavam dentro da sala.

Além disso, havia também a atuação dos batedores de carteiras e dos chamados *Bolinas,* homens que se aproveitavam da escuridão da sala de projeção para passar a mão nas moças que estavam assistindo ao filme. As atuações destes dois últimos fizeram com que parte do público dos cines passassem a se preocupar mais com o ambiente escuro das salas. Nos jornais e revistas da época é possível encontrar diversas críticas feitas por senhores e senhoras pertencentes a classes mais elitizadas, exigindo da polícia providências para acabar com esse tipo de prática dentro dos cines. Devido ao fato das elites terem acesso a fazer reclamações aos jornais como aos delegados de policia, então é comum observar nas fontes da época apenas as reclamações da elite nos periódicos. No entanto, não significa dizer que as famílias mais modestas não se preocupassem com o espaço da sala de cinema, pois como a questão moral era mais ampla, havia também o receio das camadas populares com moças que iam ao cinema sozinhas, correndo o risco de serem assediadas pelos bolinas. Outra polêmica levantada em torno das salas de cinema seria os possíveis malefícios que a mesma poderia ocasionar à saúde das pessoas. Era comum no período que alguns jornais apresentassem notícias relacionadas à pesquisas feitas por médicos comprovando que a exposição contínua à imagem projetada pelo cinematógrafo, em meio a uma sala escura e isolada do mundo, poderia gerar desordens na visão ocasionadas pela trepidação e influência da luz[2].

---

[2] STEYER, Fábio Augusto. *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930).* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Pág. 205.

A cidade de Fortaleza, neste período, já possuía em seu espaço diversas falas e discursos sociais que passaram a fazer questionamentos sobre suas impressões a respeito das salas e dos filmes. Entre esses grupos, aqueles ligados aos valores tradicionais da Igreja católica ganharão destaque, pois esta também levantou polêmicas em relação ao cinema.

A Igreja afirmava que o cinema poderia ocasionar, além de infortúnios à saúde e incômodos desagradáveis para aqueles que se aventurassem na escuridão da sala cinematográfica, o desvirtuamento de valores morais defendidos pelos preceitos do cristianismo. Essa apreensão da Igreja em relação ao cinema era algo que se seguia desde sua criação no final do século XIX, e que abrangia também outros tipos de divertimento. Na sua concepção de protetora dos bons valores e costumes, o clero via os primeiros anos do século XX como um período de grandes mudanças culturais que estavam guiando a sociedade para um caminho inverso dos preceitos religiosos. Essas transformações sociais em meio à vida urbana moderna que estava se formando nas grandes metrópoles e capitais, que disseminavam novas tecnologias, hábitos e formas de se pensar o mundo. Em meio ao cotidiano de ritmo acelerado dessa sociedade moderna, as diversões e lazeres também acompanharam esse processo, fazendo com que a Igreja passasse a "vigiar" esses divertimentos mais de perto, buscando evitar que seu público se corrompesse.

Para tentar solucionar o problema dos cinemas em Fortaleza, a Igreja passou a se utilizar dos jornais *O Nordeste* e *O Correio do Ceará,* ambos de orientação católica, para publicar notícias, crônicas e artigos que apresentavam suas impressões negativas sobre os possíveis malefícios do cinema para as pessoas. Ao mesmo tempo, grupos católicos ligados à Igreja dão início à criação de salas de cinema organizadas segundo os preceitos católicos. Estes cines terão como principais diferenças em relação às demais, a imposição de regras de comportamento durante a exibição dos filmes e o uso privilegiado em sua programação de películas de orientação religiosa. Tais práticas visavam preservar a moral e a decência do seu público.

O estudo sobre a atuação dos cinemas católicos permite compreender a recepção do cinema em Fortaleza por parte dos diferentes grupos sociais e as estratégias criadas pela Igreja diante de algo que ela via como desvirtuador de bons costumes, mas do qual ela não poderia impedir o seu crescimento. Além disso, a ação da Igreja visando combater o uso da

tecnologia do cinematógrafo como algo perversor da moral, permite compreender melhor a recepção do cinema e dos filmes em Fortaleza nesse período.

O principal atrativo do cinema em suas primeiras sessões era o fascínio pela imagem em movimento despertado no público que assistia à exibição dos espetáculos cinematográficos, pois nos anos iniciais de sua exibição, as películas apresentavam, na sua grande maioria, filmes simples com histórias curtas, mas trazendo em suas cenas hábitos e costumes das grandes cidades: homens trabalhando, paisagens naturais, ou eventos políticos. Mesmo possuindo essa simplicidade, as sessões atraíam um número cada vez maior de pessoas, buscando ver aquilo que para elas era estranho, mas ao mesmo tempo impressionante e magnífico. Aquilo que não era percebido no dia a dia era captado pela lente do cinematógrafo e exibido repetidamente em sessões, para um público incansável, observando os pequenos detalhes daquilo que não se via somente como uma imagem em movimento, mas também como uma nova forma de apreensão do real.

A sensibilidade do olhar diante de uma imagem que não é mais apresentada de forma estática, como no caso da fotografia, mas sim com o movimento próprio das pessoas captadas pela câmera, deixava seus espectadores surpresos e maravilhados diante de uma imagem em movimento, trazendo consigo o que Aumont define como “profusão dos efeitos de realidade”, sensibilizando o público e fazendo ele se identificar ainda mais com aquela película, a partir de algo que ele reconhece em seu cotidiano[3]. Através das técnicas artísticas utilizadas nos filmes, as pessoas observavam experiências e sentimentos que estavam presentes na vida cotidiana, mas que passavam despercebidos, como a beleza do movimento a partir do auxilio da câmera lenta, os sentimentos de amor, tristeza ou ódio através da interpretação dos atores, etc. Esses elementos impressionam as pessoas, fazendo com que elas vejam não somente ao filme, mas também identificações com sua própria vida, despertando alegrias, reflexões ou até mesmo desconfortos.

À medida que os filmes vão se aprimorando, passando de simples cenas colhidas no cotidiano para histórias fictícias com narrativas mais elaboradas e complexas, cresce também o público, e conseqüentemente, o número de salas de cinema fixo. Junto a isso, aumenta-se a preocupação do clero em relação ao comportamento de algumas pessoas

---

[3] AUMONT, Jacques. *O olho interminável [cinema e pintura]*. São Paulo: editora cosac Naify, 2004. Pág. 31.

dentro das salas como também em relação, ao conteúdo dos filmes exibidos, pois havia o medo de que os filmes, em conjunto com os hábitos praticados na sala de exibição, pudessem corromper a moral das pessoas e os bons costumes da sociedade. A partir disso, tornou-se necessário para à Igreja Católica fiscalizar e denunciar hábitos vistos como impróprios ou filmes que "desvirtuassem" as pessoas dos preceitos cristãos.

No caso da cidade de Fortaleza os grupos católicos serão os principais atuantes na moralização dos bons costumes na cidade e considerarão as salas de cinemas como locais de imoralidade e obscenidades. Entre esses grupos, destacavam-se o *Círculo dos Operários e Trabalhadores Cathólicos São José, o Grêmio Pio X* e *A União dos moços Cathólicos.* Estes afirmavam que eram dentro dos cines, em meio às "trevas", que as pessoas ao invés de ficarem com medo, como todo bom cristão, pelo contrário, se acostumavam com o ambiente e até gostavam a ponto de se deixarem levar pela "ocasião próspera de pecado" que a sala proporcionava, e praticavam atos de cuspirem na platéia, conversarem em voz alta ou gritarem durante a exibição do filme, incomodando à outras pessoas, ou mesmo praticando atos mais ousados como os casais de namorados, aproveitando-se da ausência de seus pais para, no escuro, irem além do que seus familiares permitiam no namoro[4]; ou ainda o fato de uma moça de família, que antes vivia em seu lar, criar o hábito de sair de casa para ir ao cinema diariamente desacompanhado dos pais ou de seu marido.

Segundo argumentos presentes nas notícias e artigos dos jornais de orientação católica *O Nordeste* e *O Correio do Ceará*, essas práticas eram vistas como indecentes e estavam ferindo a integridade das famílias fortalezenses, desvirtuando os costumes tradicionais da educação familiar, escolar e religiosa. Além disso, boa parte dos filmes que eram exibidos nos cinemas da cidade eram também criticados por seus supostos conteúdos desvirtuadores da moral:

> (...) a influencia do cinema é indiscutível; tem sido, por assim dizer, apanhada em flagrante, no curso de diligências em que se acham envolvidos menores.
>
> Há tempos, foi descoberta noutra cidade no interior, uma quadrilha composta nada menos que de alumnos do grupo escola, a qual procura imitar, na sua organização, certo bando de ladrões imaginários, cujas façanhas constituíam o assumpto, por meio de uma dessas estúpidas fitas policiaes da moda.
>
> Esta quadrilha não se limitava a fazer gatunagens de brincadeira, furtava às deveras com peripécia e com audácia, e guardou, durante muito tempo, por

[4] *O Nordeste*, 4 de março de 1926.

> meio de uma disciplina rigorosa, segredo de sua existência (...) as creanças sempre as creanças, são as maiores victimas do cinema.[5]

Para os grupos católicos, os filmes acabam influenciando negativamente as pessoas de todas as idades por conta de certos tipos de conteúdos que poderiam aparecer ao longo da película e que acabavam sendo mal interpretados e até sendo imitados pelo público. Logo, filmes abordando temas considerados "as mazelas do mundo moderno" pela Igreja como o adultério, alcoolismo, suicídio, loucura, assassinato, crimes, violência, diálogos maliciosos, frivolidades, brigas, danças voluptuosas, ciúmes, jogos, bordéis, descrenças, paixões desmedidas e nudez, eram taxados como imorais e os cines que os exibiam sem nenhum tipo de censura, eram vistos como lugares inadequados às famílias de bem.

Vale ressaltar que a valorização dos bons costumes não era algo novo naquela época. Para a Igreja católica, a Modernidade era a principal causadora da indiferença religiosa, criando um mundo do qual Deus não fazia mais parte e é a partir dos anos 20 têm-se discussões sobre um maior papel da Igreja na sociedade, que estava se tornando problemática do ponto de vista moral, procurando novas formas salvadoras, além da missa. Nisso a educação era a principal meta a ser enquadrada nas propostas sociais da Igreja, logo, essa modernização acabaria sendo perfilhada pela Igreja que deveria controlar ou exercitar uma influencia capaz de fazer valer os princípios que defendia.[6] Então, a atuação de grupos ligados à Igreja católica para preservar e garantir que nenhum desses bons costumes e valores fossem desrespeitados era algo comum e não se restringia somente aos cinemas. Desde o início do século XX, percebe-se essa atuação em vários outros assuntos: o alcoolismo, as danças modernas "sensuais", as roupas "indecorosas", em todos eles estavam presentes os chamados "agentes moralizadores", visando preservar os valores da família cristã. Só o ecoar das palavras "atualidade" e "moderno" assustava os grupos católicos, como a própria Igreja, pois para eles o que se gerava dessas palavras eram idéias que iam contra as normas do cristianismo e contribuíam para o risco de destruir os princípios sociais[7].

Mesmo que a grande maioria da população visse como simples divertimentos, a Igreja temia que eles desvirtuassem as pessoas dos bons costumes, logo se tornava necessária a

---

[5] *O Nordeste*, 22 de dezembro de 1925.
[6] MONTENEGRO. João Alfredo de Souza. *O trono e o altar: as vicissitudes do tradicionalismo no ceará, 1817-1978*. Fortaleza – BNB, 1992. Pág. 166.
[7] *O Nordeste*, 9 de fevereiro de 1926.

proibição de tais práticas imorais. O mesmo não ocorreu com as salas de cinemas. As críticas ao cinema como local inadequado para cristãos irão continuar, mas o interessante é que não se percebe um discurso defendendo o fechamento dos cinemas. Ao invés disso, tem-se a criação de cinemas criados e organizados por grupos católicos e com o apoio da Igreja. Pode-se interpretar esta atitude por parte da Igreja como uma espécie de resposta aos cinemas convencionais, consistindo no "combate" o cinema perversor através do cinema católico moralizador.

O primeiro cinema que seguirá a orientação católica será o *Cine São José*, criado entre 1916 e 1917, por um dos grupos católicos de maior influência em Fortaleza: o *Círculo dos operários e trabalhadores Catholicos São José* ou *Círculo São José*, como era mais conhecido. O cinema funcionava dentro do prédio do círculo operário. A criação deste cine teve o apoio do padre holandês Guilherme Vaessen, que contribuiu também para a criação deste Círculo. Com o cine, esse grupo tinha o interesse de mostrar a sociedade de Fortaleza como era possível existir uma sala de cinema que pudesse trazer toda a beleza e diversão dos filmes, mas evitando que no seu interior surgissem perversões e imoralidades.

A principal preocupação de seus organizadores não era tanta com os filmes exibidos, pois a grande maioria das películas exibidas no cine eram as mesmas exibidas nos cines *Majestic* e *Moderno*, os dois maiores cinemas de Fortaleza. Será a estratégia de imposição de normas ao público o maior cuidado dos organizadores, pois além de proibições de fumar e cuspir dentro dos espaços de exibição, o *Cine São José* foi o primeiro cinema de Fortaleza a impor a censura de certos tipos de filmes. Crianças e adolescentes menores de 16 anos eram proibidas de assistirem a películas que tratassem de assuntos considerados impróprios.

A outra estratégia de controle do público criada pelos organizadores deste foi pensada a partir de algo que preocupava muito o clero: a aproximação dos corpos masculinos e femininos em meio à escuridão do cinema.

Se por um lado a sala escura do cinema era vista como um lugar de corrupção das virtudes, a moral e os bons costumes, por outro acabou tornando-se o ambiente bastante apropriado para o desenvolvimento dos flertes e namoros[8]. O cotidiano urbano no início dos anos 20 estava ainda muito pautado nos valores tradicionais prescritos pela Igreja católica, fazendo que os namoros entre os casais fossem sempre o menor possível, pois por perto

---

[8] STEYER, op. cit., pág. 140.

sempre estavam os familiares para que o casal não passasse dos limites. Dentro do cinema, mesmo ainda com algum familiar da moça por perto, o rapaz poderia cortejá-la com olhares mais demorados, sendo que a possibilidade de iniciar uma conversa era maior, se comparado a outros espaços de sociabilidade. Inácio de Melo nos apresenta o caso do memorialista Jorge Americano, paulista que em suas memórias de infância traz poucas recordações sobre o cinema. A não ser pela primeira vez que viu uma exibição do "cinema ambulante", mas que não o marcou a ponto de querer ver novamente. Somente quando fica mais velho, quando passa a flertar com as moças, é que as salas de cinema tornam-se importantes para o memorialista:

> Jorge Americano não deve ter sido um grande fã de cinema. A impressão mais funda que nos deixou sobre os primórdios do cinema foi o impacto da primeira sessão. Aparentemente pouco se ocupou dele depois disso. Nesse aspecto igualou-se aos contemporâneos. O cinema interessou-o entre os 19 e os 24 anos, isto é, de 1910 a 1915, quando integrava um dos espaços de sociabilidade permitidos aos dois sexos, onde se podiam ver as moças, trocar olhares e algumas palavras sob a vigilância das matronas paulistanas. Pois pelo menos este era o rito: "além de passar todas as tardes debaixo da janela da moça o rapaz ia, uma vez por semana, ao cinema que ela freqüentava". As missas dominicais também eram obrigatórias para uma delicada abordagem.[9]

Ao perceber esse tipo de prática dos rapazes e das moças, as famílias ficam mais cautelosas ao permitir que suas filhas fossem ao cinema. Passou-se então a recomendar que as moças não fossem aos espetáculos cinematográficos sozinhas e que sempre estivessem na companhia de um familiar. Essa recomendação também era feita para as mulheres casadas, pois, se elas fossem ao cinema desacompanhadas do marido ou familiar, poderia ser interpretado pela vizinhança como pretexto para encontrar o amante. Além do medo de possíveis namoros às escondidas no interior da sala de projeção, outra questão que assustava muito as famílias ao permitir que suas filhas fossem ao cinema era o medo de elas sentarem ao lado de um desconhecido que poderia se aproveitar da situação e incomodá-la de diversas formas. Entre os mais preocupantes estavam os "bolinas", que não só as incomodavam como também poderiam assediá-las, desrespeitando sua honra. Essa prática dentro do cinema acabou se tornando um problema tão sério que se tentou criar formas para os filmes serem ser exibidos à luz do dia, ou pelo menos com uma luz interna na sala, visando acabar com a escuridão predominante durante as sessões:

---

[9] SOUZA, José de Melo. Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema. São Paulo: editora SENAC, 2004. Pág. 32.

> O contato próximo do corpo masculino com o feminino motivou uma espécie de pânico contra os assim chamados bolinas, os aproveitadores de “mulheres indefesas”, agindo acobertados pela escuridão dos cinemas (o bonde era outro local em que pais, maridos e namorados temiam o contato dos corpos).
>
> O fenômeno ultrapassou a cidade do Rio de Janeiro, é claro, datando dessa época as primeiras tentativas de exibições com luz acessa, uma das medidas inovadoras empreendidas pelo cinema ideal, em 1909, continuadas, mais tarde, pelas experiências do médico paulistano Sebastião Comparato, na invenção de um processo de projeção à luz do dia.[10]

Se para os pais e maridos a aproximação dos corpos entre os homens desconhecidos e suas filhas e esposas nas cadeiras dos cinemas motivava a atuação dos “bolinas”; para a Igreja era justamente a aproximação dos corpos dos casais responsável por muito das práticas condenáveis dentro dos cines, como também em outros espaços de convívio para ambos os sexos. No caso do cinema, as películas com cenas de beijos ardentes entre o casal apaixonado poderiam aflorar desejos pecaminosos no casal que assistia ao filme, e se deixando levar pela escuridão da sala para satisfazer esses desejos, logo o controle do público dos cines católicos não seria somente impondo a censura dos filmes que eram exibidos. O corpo do espectador também deveria ser controlado, domesticado, visando à boa conduta dentro das salas desses cines, que também eram considerados pelos organizadores com um lugar religioso e que o comportamento moral decente deveria ser seguido à risca.

Pensando em uma forma de manter o seu público adequado aos padrões de comportamento adequado para um cristão, o *Cine São José* estabeleceu a norma de separar o público pelo sexo, ou seja, dentro da sala os homens deveriam sentar-se de um lado e as mulheres sentavam do outro lado. O objetivo era que houvesse o afastamento dos corpos da melhor maneira possível, pois como não havia outra maneira de exibir os filmes sem o auxílio da escuridão, a solução encontrada pelos organizadores do cine foi a de inibir algum desejo latente, passível de despertar no corpo durante o filme, através da ausência de proximidade do corpo do sexo oposto, causando assim a frustração do indivíduo em não poder satisfazer seu desejo, fazendo com que a pessoa se contivesse e abandonasse-o. Vale lembrar que a Igreja não se preocupava somente com o cinema, no que diz respeito ao medo da aproximação dos corpos. A dança também era criticada pela imprensa católica como sendo uma forma de despertar “as más vontades”.

---

[10] SOUZA, *op. cit.*, pág. 57.

Na década de 1920, os bailes eram umas das principais diversões que a cidade de Fortaleza proporcionava aos habitantes, e a dança *Foxtrot* era a mais praticada, deixando muitos clérigos preocupados com a forma como o corpo se movimentava nesse tipo de dança[11]. O jornal *O Nordeste* lançava, além de notícias, matérias trazendo elementos que os leitores deveriam seguir, como sendo uma espécie de guia para se tornar um verdadeiro cristão. O periódico no dia 5 de abril de 1926 publica um artigo bem instrutivo e didático apontando as principais razões para um cristão não dançar. Destaca-se algumas:

> Razoes por que um christão não pode dançar
>
> 1ª) porque pelo contacto familiar com o outro sexo nos bailes se despertam e alimentam as más razões.
>
> (...)
>
> 3ª) porque a inflamação do sangue, os atractivos dos sentidos, a ocasião da noite e a inconveniência dos trajes, são causas de muitos peccados contra a pureza.
>
> (...)
>
> 5ª) porque ninguém pode dançar com a consciência tranqüila, pois quem brinca com fogo, corre perigo certo de se queimar.
>
> (...)
>
> 6ª) porque a igreja catholica, nossa mãe, condena a dança como *divertimento immoral e incompatível* com a vida christã.
>
> (...)
>
> 19ª) porque os relatórios mostram que 75% das mulheres abandonadas, o são por causa dos bailes.[12]

Analisando essas razões podemos observar a apreensão da Igreja diante do contato entre os casais durante a dança no baile, que estava se tornando cada vez mais freqüente e banal, sendo que essa banalidade que assustava a Igreja, pois assim os pecados da carne seriam mais freqüentes podendo ocorrer adultérios e conseqüentemente o fim de casamentos que poderiam ser duradouros, vindo a ruir por conta de uma única dança. Da mesma forma era a preocupação para com o público dos cines, que estariam suscetíveis de poder pecar estando tão próximos um do outro.

---

[11]O estilo de dança Foxtrot apareceu em 1914 nos filmes do ator norte-americano Harry Fox, em 1913. O estilo se caracterizou como uma dança simples, rápida e não refinada, por conta da natureza informal dos passos, introduzindo na dança os galopes (canters) e os trotes. Na dança, o casal ficava com os corpos mais próximos, diferente da *valsa.* Sua divulgação ficou mais forte com os filmes norte-americanos. Em Fortaleza, o Foxtrot sempre era mencionado em algumas notícias da imprensa católica como uma dança indecente. Sobre o assunto ver: PARANHOS. Adalberto. A invenção do Brasil como terra do samba: os sambistas e sua Afirmação social. História, São Paulo Nº 22, 2003. Disponível no site www.scielo.br. Data da consulta: 24 de fevereiro de 2011.

[12] Jornal O Nordeste, 5 de abril de 1926.

Apesar de exibir os mesmos filmes que eram exibidos em outros cinemas, o *Cine São José* privilegiava as películas de aventura e comédia e não aquelas envolvendo temas considerados adultos. Além da exibição de filmes, o prédio da sede do *Círculo São José* realizava um ensino escolar noturno para as crianças pobres e espetáculos teatrais, ambos seguindo a mesma orientação católica.

Outro Cinema católico de Fortaleza foi o *Cinema Pio X*, criado e organizado pelos freis franciscanos pertencentes à *Ordem dos capuchinhos*. O cine fazia parte do *Grêmio Pio X*, que também possuía uma escola e um teatro, localizando-se na Avenida Duque de Caxias, esquina com a Rua Barão de Aratanha. O cine foi inaugurado em 1923, época em que as salas de cinema eram constantemente criticadas pelos grupos católicos de Fortaleza. Logo, a criação desse cinema é feito, não somente com o intuito de entreter, mas principalmente com o objetivo de instruir o público religiosamente. Em sua programação, o cine exibia muito dos filmes que também faziam parte da programação de outros cinemas, mas, além disso, o *Cine Pio X* foi o primeiro cinema católico a exibir filmes inéditos de orientação religiosa, sendo exibidos logo em seguida no *Cine São José*. A propaganda desses filmes era sempre apresentada em destaque nas paginas do jornal *O Nordeste*. Filmes como *A povoação que esqueceu de Deus,O rei pastor e Nascimento,Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de nosso Senhor Jesus Christo* eram sempre apresentados no jornal com uma série de elogios. Além disso, o cine também fazia exibições para turmas escolares da Escola Pio X.

No interior deste cinema, as normas de conduta seguiam um caráter mais rigoroso do que o *Cine São José*, pois O *Cine Pio X* usava de uma estratégia de controle do público diferente. O público ficava sentado normalmente, como nos demais cinemas, sem separar os espectadores pelo sexo, mas havia a observação do filme por um monge que ficava próximo ao projetor. Se por acaso no filme exibido existisse alguma cena considerada imprópria, como uma cena de beijo, por exemplo, o monge ficava atento e no exato momento em que acontecesse a cena o monge cobria o foco do projetor com um lenço, deixando a imagem desfocada e para que os espectadores não presenciassem tal cena[13]. É claro que essa ação de obstruir o projetor era acompanhada do descontentamento do público, que obviamente era contra não poder ver aquela que poderia ser para eles a melhor cena do filme. Além disso,

[13] LEITE, Ary Bezerra. *Fortaleza e a era do cinema. Pesquisa histórica* – Vol. 1 / 1891 – 1931. Fortaleza: SECULT, 1995. Pág. 392.

havia outra estratégia usada para manter a boa conduta do público. Era a chamada *Luz encarnada* que ficava em cima do público e o mesmo era observado por outro monge. Ao perceber que algum casal de namorados estivesse indo mais além do que era permitido por suas famílias, a luz era acesa e apontada para o casal fazendo que eles percebessem seu erro e voltasse ao normal. Como José Valdivino fala em uma crônica publicada no jornal *O Povo* no dia 5 de abril de 1976: "*o cinema estava sob a direção dos capuchinhos e da disciplina direta de Frei Mansueto, severo, ríspido, acendendo a Luz encarnada, um aviso para casais "avançados*" [14].

É interessante esta estratégia do cine *Pio X* pelo fato de intervir nas transgressões do público agindo exatamente naquilo que possibilitava essas práticas: a escuridão da sala. Se a escuridão proporcionava o anonimato, essa estratégia acabava por "sabotar" este anonimato dos transgressores, e essa ação tinha também a intenção de envergonhá-los, já que a *Luz encarnada* era acesa no momento da transgressão fazendo que todos os olhares, antes atentos para o filme, se voltassem para quem estava sendo iluminado pela luz.

Entretanto essa medida causava manifestações por parte do público, que ficava desconfortável por ser alvo dessa luz. Sobre essa questão, o Jornal *Gazeta de notícias* lançou uma crítica, considerando-a como um incômodo para quem freqüentava este cine:

> Hontem, um espectador que lá compareceu para assistir uma sessão cinematographica, disse-nos que o que mais lhe causara admiração foi uma lâmpada electrica, de vidro encarnado, que é ascendida em plena projecção.
>
> Indagando a utilidade dessa lâmpada, soube que o seu fim era testemunhar um flagrante de certa espécie de namoro.
>
> Consideramos essa medida um tanto offenciva à dignidade das famílias que áquelle cinema freqüentam, porque, se alguma vez os puritanos da empresa vêm coroado de êxito o seu objetivo, 98% erram o alvo fazendo convergir para marido e mulher ou para um casal de noivos os olhares curiosos.
>
> Hão de convir os Srs. do Pio X que de uma empresa catholica não deve partir qualquer acto que provoque escândalo.[15]

Pela notícia, pode-se perceber a preocupação que se tinha em ser iluminado pela *Luz encarnada* por conta dos comentários que poderiam causar entre os conhecidos, correndo o risco de desmoralizar publicamente a pessoa que fosse, erroneamente, alvo dessa estratégia

[14]Jornal *O Povo*, 5 de abril de 1976.
[15] Jornal *Gazeta de Notícias*, 6 de fevereiro de 1928.

do *Cine Pio X*, ainda mais se a pessoa estivesse acompanhada de alguém que não fosse a esposa (o) ou namorada (o).

Boa parte destas preocupações em se criar estratégias e normas de comportamento, visando a contenção dos impulsos e desejos dos espectadores, era pensadas principalmente visando proteger o público feminino que poderiam ser assedias como também motivarem os desejos do público masculino dentro da sala de cinema.

Na verdade, os organizadores desses dois cinemas de forma alguma eram contra o cinema em si, mas acreditavam que o cinema estava "educando" a população de maneira errada, em especial as crianças e adolescentes. No final da década de 1920 o discurso sobre o cinema ganha outra conotação, onde o filme passa a ser comparado a um livro, pois ambos têm a potencialidade de educar ou degenerar, dependendo de como ele é interpretado. Para a Igreja o cinema podia influenciar mais as pessoas do que o livro, pois não existia uma orientação correta para interpretar os filmes, diferente do livro que tem na escola "*a orientação preservadora do mestre, que salvaguarda a alma tenra da cidade do que contém o livro mal, procurando salientar o que há de bom*".[16] Logo, era necessária a figura de um "mestre orientador" também nos cinemas ajudando o público a interpretar de forma correta os filmes. Essa será a idéia que os organizadores dos cines católicos irão assumir, colocando que a "educação do cinema perversor" como ficou conhecida deveria ser combatida e o uso do próprio cinema como "instrumento educador" seria fundamental, pois se este fosse usado de maneira correta e adequada poderia ao invés de se ter um desvirtuamento, ter uma maior valorização dos bons costumes.

Dessa forma, fica mais compreensivo o fato dos grupos católicos não se manifestarem pela proibição dos cinemas, mas sim de criar seus próprios cines, como uma maneira de se diferenciar das demais salas de Fortaleza. Esses grupos católicos viam o cinema como um bom meio de entretenimento, além de ser um bom meio de instrução. Ao mesmo tempo em que a Igreja e a imprensa católica criticavam o ambiente dos cinemas convencionais, suas salas exibiam as mesmas películas em cartaz naqueles. A forma de exibição e a conduta usual nas salas católicas era o grande diferencial o que ganhavam destaque nas páginas dos jornais católicos, sendo exemplos de como deveria ser a forma de se administrar os cinemas.

---

[16] *O Nordeste*, 13 de março de 1936.

Em determinadas notícias publicadas do jornal *O Nordeste*, pode-se observar a forma como o mesmo desqualifica o cinema. Em uma de suas notícias, intitulada de *Os desertores da vida* trazia o alerta aos pais que não dão limites aos filhos deixando livres aos divertimentos da mocidade da época, como o cinema, as modas indecorosas e as danças sensuais, vistos como "depravadores de valores morais" pelo jornal, e nos mostra como o cinema pode influenciar de forma negativa e preocupante aos mais jovens ao expor o caso de uma adolescente que cometeu suicídio:

> Há poucas semanas matou-se, lá para as bandas do Andarahy uma jovem de 17 annos para quem todas as venturas corriam, começando pela idade.
>
> 17 annos!
>
> (...) e por que?
>
> Vejamos.
>
> A moça era o ai Jesus dos seus Paes. Faziam-lhe todas as vontades, não havia desejos que tivesse que não fossem satisfeitos mesmo porque, se a contrariassem, bastaria que uma lagrimazinha deslisasse pelas suas faces de coma para que os Paes ou a avozinha corresse a enxuga-la.
>
> Não havia festa de dansa, dessa dansa moderna, horrível, imoral, (...) Ella era a primeira a pedir ao irmão que lhe arranjasse um convite (...)
>
> Mas os desejos da moça não ficavam ahi. Frequentava os cinemas – outra perversão moral, que está a pedir um paradeiro – . Via aquelles beijos lascivos, aquellas atitudes concudiscentes, aquelas maneiras impróprias dos meigos olhares dos seus 17 annos e comprehendia que era preciso que fosse feita de pão para não perverter.
>
> Sem fé, sem a verdadeira intuição do que seja a crença em Deus, porque ia aos domingos à Igreja, como aos sabbados à avenida Rio Grande, esta louquinha, viu um dia um almofadinha que lhe fez a corte, apaixonou-se por elle e, como os Paes dessa vez a contrariaram, fez como no cinema, para fazer descer o panno do último acto da comedia da sua vida, ainda ao desabrochar.[17]

No dia seguinte o cortejo levava o caixão com o corpo da moça rumo ao enterro e ao cruzar com um bonde, por uma ironia do destino, ou não, estava no bonde como passageiro o tal rapaz por qual a moça havia se apaixonado e começou uma confusão, que o jornal faz questão de descrever para depois usá-la como forma de refletir em cima do ocorrido e terminar com uma lição de moral. A confusão teve início a partir do momento em que alguém teria reclamado para o rapaz:

---

[17] *O Nordeste*, 13 de fevereiro de 1926.

> – olha, disse-lhe um amigo, foste tu que a mataste!
>
> – eu? Estas doido, eu tenho lá a culpa de que Ella tomasse veneno e freqüentasse cinemas?
>
> E, como o bonde parasse para deixar passar o enterro, um passageiro gritou:
>
> – Vamos embora: quem lá vae, lá vae...
>
> – toca essa joça, olha que eu perco o almoço, gritava outro.
>
> (...) ora, si essa moça assistisse a toda essa scena, certamente veria a grande asneira que cometteu, desertando a vida e como essa scena é sempre a mesma em casos semelhantes, eu aqui a deixo esboçada, para que os que se querem matar possam ver o papel que fazem.[18]

A notícia segue refletindo sobre o caso, mas pelo que foi destacado, pode-se compreender o intuito do jornal de tentar provar, através desse exemplo, o poder de influência que o cinema causava ou poderia causar no público, a ponto de fazer as pessoas cometerem atos absurdos, se inspirando em cenas de filmes. É interessante observar aqui a forma como a notícia ganha o emprego de elementos narrativos, visando construir um caráter dramático para melhor encaixar a moral da notícia e convencer o leitor de tomar esses elementos como verdade. A inserção de diálogos entre os envolvidos no caso, independentes de serem fiéis ao acontecido, serve para ajudar a identificar detalhes que colaborem para o objetivo do jornal como a descrição da situação constrangedora, a culpa do suicídio caindo sobre o rapaz, sua defesa acusando os cinemas, e principalmente, o escândalo que o texto do jornal coloca como sendo uma conseqüência do suicídio da moça. Isso tende a complementar a moral que a notícia quer passar.

Ao mesmo tempo em que notícias assim eram divulgadas, no mesmo jornal é apresentada a programação dos filmes que estavam sendo exibido nos cinemas *São José* e *Pio X*, apresentando em suas programações filmes de aventura, comédias inocentes e dramas de orientação religiosa. Com isso, os grupos responsáveis pela organização de seus cines, queriam passar a idéia de que em meio a tantas críticas aos cinemas, os cines católicos traziam apenas diversão e instrução de forma sadia e sem desvirtuar a moral dos espectadores.

---

[18] Idem.

Assim o importante era usar o cinema de uma maneira adequada o que influía diretamente na seleção dos filmes a serem exibidos. Sobre o lançamento do filme *Os Dez Mandamentos,* o jornal fez uma matéria especial sobre o assunto:

> O cinema a serviço da religião
>
> Os Dez Mandamentos: magnífica película de fundo religioso
>
> O cinema vem sendo, muito commummente o vehiculo pernicioso do mal.
>
> Sem embargo disso, porém, como a imprensa, é uma arma que a religião pode e deve usar, apropriadamente, para combater a acção infernal. Similia similubus curantur... (...)
>
> Entre nós, rara é a ocasião, que se nos offerece, de apreciarmos na tela dos cinemas locães, um film rigorosamente bom.
>
> Vêem os leitores, como, quase sempre, nos manifestamos sobre eles, julgando-os indignos da assistência das famílias catholicas.
>
> Essa nossa atitude, inspirada no são intuito de velar pela moralidade social, por isso mesmo que se inspira em tão elevados escopos, não pode ser systematica.
>
> Por isso, julgamos-nos bem em nos referir, nestas linhas, ao film <<Os Dez Mandamentos>>, cuja próxima exibição se annuncia
>
> (...) Estampado, a respeito, as noticias acima, queremos significar, com ellas, à única empreza cinematographica local e ao publico, a imparcialidade e o critério elevado desta folha, quando se ocupa das diversões dessa ordem.[19]

*O filme Os Dez Mandamentos* teve uma ampla divulgação feita pelo *O Nordeste*, destacando ao longo das edições, uma página inteira, ou em outras edições, pelo menos a metade para a propaganda do filme. Da mesma forma acontecia com outros filmes que retratavam histórias bíblicas.

Pode-se perceber que a propaganda feita na imprensa católica contra "o cinema perversor" era freqüente, mas na medida em que o mesmo exibia filmes de cunho religioso, os jornais faziam elogios e incentivava os leitores a assistirem os mesmos. Essa seria a maneira "sadia" de se divertir com o cinema; dentro de cines apropriados, com normas que visassem preservar os bons costumes, junto a filmes que instruíssem de forma correta os

---

[19] *Jornal O Nordeste*, 5 de junho de 1926.

cristãos. Além desses dois cines foram criados ainda dois cinemas organizados pela Igreja, mas que tiveram uma existência menor em relação aos outros dois.

Além desses dois cines, existiram também o *Cinema União dos Moços Católicos* ou como ficou mais conhecido *Cine União*, criado em 1927 e organizado pela *União dos Moços Católicos*. O outro cine foi criado em 1930 e com o nome de *Cine Paroquial*, organizados pelos religiosos da Santa Sé, e seguindo aos costumes dos outros cines católicos este também implantava algumas normas para o público, onde o padre assistia a todos os filmes e a cada cena de beijo, ele colocava a mão na frente do foco impedindo que a imagem fosse projetada, logo o cine ganhou o apelido de "Cine Mão" [20].

Diante do exposto, podemos concluir que as salas de cinemas e os filmes exibidos não agradaram a Igreja que os viam como lugar para práticas de hábitos indecentes e impróprios, além dos malefícios que as películas poderiam trazer "desvirtuando a moral das pessoas e os bons costumes da cidade". Como estratégia, grupos católicos ligados a Igreja adquirem também o aparato cinematográfico, como forma de se apropriar de um instrumento usado de maneira perversora e criam salas próprias de cinema para usar esse instrumento de maneira educativa. Percebemos com isso uma disputa pela apropriação do cinema por parte da Igreja pelo domínio do cinematografo e do espaço da sala cinematográfica para usá-los como propagador dos princípios religiosos.

---

[20] Ary Leite, *op. cit.*, pág. 416.